

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Vinicius Rodrigues Andrade

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE
COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA**

Resende

2019

VINICIUS RODRIGUES ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE
COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Maj Rodrigo Motinha Lanzellote

Resende

2019

VINICIUS RODRIGUES ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE
COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

Rodrigo Motinha Lanzellote - Maj
(Presidente/Orientador)

André Frangulis Costa Duarte - Cel

Timóteo Salgado Pereira Pinto - Maj

**Resende
2019**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me guiou nesse árduo caminho, a meu pai e mãe que sempre foram base forte, meu irmão e cunhada sendo sempre exemplos, minha namorada e aos meus amigos que tanto me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar chegar onde eu cheguei. Nada seria possível se não fosse da sua vontade.

A meus camaradas da turma 70 anos da vitória da FEB que compartilharam cada dificuldade e cada alegria, obrigado. Essa vitória é toda nossa meus irmãos.

A meu pai Luiz Claudio que sempre me apoiou e sempre soube as palavras certas nos momentos mais difíceis eu te agradeço bem como digo que essa vitória é sua. A minha mãe Suely que sempre foi a minha base forte e me impulsionava a cada desafio essa vitória é sua.

A meu irmão Rafael te agradeço por todos os ensinamentos, conselhos e por ter aberto o caminho aqui na AMAN, muito obrigado. A minha cunhada Tamires te agradeço por sempre torcer por mim e estar do nosso lado sempre transmitindo seu conhecimento.

A minha namorada mariana e toda sua família o meu muito obrigado por estarem sempre me incentivando, torcendo por essa vitória. Ela chegou e não poderia me esquecer do quão importante vocês são pra mim.

RESUMO

A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA

AUTOR: Vinicius Rodrigues Andrade

ORIENTADOR: Maj Rodrigo Motinha Lanzellote

A comunicação sempre foi vital para o ser humano, e falar um segundo idioma tem sido, nos dias atuais de grande importância, principalmente para os militares que participam das Missões da ONU e OEA. Por ser o espanhol o segundo idioma mais falado no mundo, a importância deste para os variados escalões de comando enquadrados nas missões. Assim sendo, através de uma pesquisa bibliográfica desenvolveu-se este estudo, tendo em vista a importância do mesmo para o Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Idioma. Espanhol. Importância. Missões. ONU. OEA.

ABSTRACT

THE IMPORTANCE OF THE SPANISH LANGUAGE FOR THE VARIOUS COMMAND SCALES COMMITTED TO UN AND OAS MISSIONS

AUTHOR: Vinicius Rodrigues Andrade

ORIENTER: Maj Rodrigo Motinha Lanzellote

Communication has always been vital for the human being, and speaking a second language has been, in the present day of great importance, mainly for the military that participates in the Missions of the UN and OAS. Because Spanish is the second most spoken language in the world, the importance of this for the various levels of command framed in the missions. Thus, through a bibliographical research this study was developed, considering its importance for the Brazilian Army.

Keywords: Language. Spanish. Importance. Missions. UN. OAS.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 OBJETIVOS.....	9
1.1.1 Objetivo geral.....	9
1.1.2 Objetivos específicos.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 COMUNICAÇÃO: COMO ELA SE PROCESSA	13
2.2 A IMPORTÂNCIA DE SE APRENDER UMA SEGUNDA LÍNGUA NOS DIAS ATUAIS	16
2.4 HISTÓRIA DA LÍNGUA ESPANHOLA.....	18
2.4.1 O espanhol na América	20
2.4.2 Os anos de ouro da literatura espanhola	20
2.5 A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA.....	21
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	24
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	24
3.2 MÉTODOS.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXOS.....	28
ANEXO 1 – OS IDIOMAS DO MUNDO	29
ANEXO 2 – OS IDIOMAS MAIS FALADOS EM 2017 (ESPAÑHOL EM 2º LUGAR)	30

1 INTRODUÇÃO

As missões da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização dos Estados Americanos (OEA) enquadram inúmeros Estados e a intercomunicabilidade nas áreas de operações são imprescindíveis para o bom cumprimento dessas missões. O bom conhecimento do Idioma espanhol, principalmente no que se refere aos países da OEA, é de suma importância visto que é falado em sua maioria.

A atuação nos momentos de patrulhamento, o próprio contato com a população local são ações em que se deve ter o domínio da língua e mais ainda os escalões de comando devem estar preparados para atuar com outras tropas e estar sempre em condições de dar ordens claras e objetivas aos seus subordinados.

Justifica-se o tema devido ao fato de que nos Altos Escalões, onde são formulados os documentos, se deve uma atenção especial ao uso correto do idioma Espanhol principalmente quanto à escrita dos mesmos. Deve-se usar corretamente a gramática e, para tanto são escolhidos os militares habilitados para tal. As ordens devem ser precisas e bem detalhadas a fim de que seja compreendido pelos subordinados e executadas da melhor forma possível. Não somente documentos para execução de missões, mas também documentos importantes da OEA, por exemplo, como a Carta Fundadora e a Carta Democrática Interamericana, que definem os elementos essenciais da democracia, indicam as formas na qual esta pode e, deveria ser promovida, e proporciona aos Estados Membros um marco de referência para guiar suas ações coletivas quando a democracia enfrenta desafios. Para tanto o domínio linguístico é imprescindível.

Assim sendo, problematiza-se a questão: qual a importância do idioma espanhol para os variados escalões de comando enquadrados nas missões da ONU e OEA?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar qual a importância do idioma espanhol para os variados escalões de comando enquadrados nas missões da ONU e OEA.

1.1.2 Objetivos específicos

Verificar como se dá a comunicação;

Analisar os benefícios do conhecimento do idioma espanhol para o oficial do EB;

Verificar o contexto em que o idioma espanhol será utilizado em missões da ONU e OEA.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os tempos mais remotos há a necessidade de comunicação. Esta para o militar diz respeito ao conhecimento de tecnologias, leitura de mapas, de documentos, comunicação com outros exércitos e com a população local onde encontra-se inserido para uma missão. (GERMAIN, 1993)

As primeiras provas da existência do ensino de uma segunda língua remontam à conquista gradativa dos sumérios pelos acadianos - do ano 3000, aproximadamente, até por volta do ano 2350. Os acadianos adotaram o sistema de escrita dos sumérios e aprenderam a língua dos povos conquistados. O conhecimento do sumério constituía um instrumento de promoção social, dando acesso à religião e à cultura da época. A aprendizagem do sumério se dava, no entanto, essencialmente através da escrita em língua suméria, o que não correspondia à língua usada pelos alunos em suas práticas cotidianas. Trata-se realmente do primeiro ensino de uma língua estrangeira de que se tem registro (GERMAIN, 1993, p. 154).

Assim como os acadianos, também os romanos estudavam outras línguas, as que eram faladas pelos povos que os mesmos conquistavam. No século III surgiram os primeiros manuais de aprendizagem de língua estrangeira, sendo os mesmos compostos de vocabulário e conversação. (GERMAIN, 1993)

Na França, no século IX, o latim era aprendido nas escolas, sendo considerada língua culta. O aprendizado iniciava-se com as letras, posteriormente as sílabas, palavras e frases. Os textos religiosos serviam de material didático para o aprendizado da gramática, devendo o aluno saber o maior número possível de palavras. (GERMAIN, 1993)

Durante a Idade Média, na Europa, o latim predominava com prestígio, por ser a língua oficial da igreja, sendo que no século XVI era exigido dos professores o bilinguismo, sendo o latim a língua culta. Com o final da Idade Média observou-se que línguas como o francês, italiano, inglês, espanhol, alemão e holandês tornaram-se mais importantes que o latim, o qual foi sendo deixado de lado. (GERMAIN, 1993)

Desta forma, essas línguas passaram a fazer parte do currículo escolar, porém observou-se um fracasso no ensino destas línguas, foi quando Comenius elaborou um método de ensino, sendo reconhecido como o fundador da didática das línguas. (GERMAIN, 1993)

Com o início do século XVIII as línguas estrangeiras passam a ser objeto de estudo, modificando-se o método de ensino para o método gramática-tradução, ou tradicional, ou ainda clássico. (GERMAIN, 1993)

Assim, começam a surgir diferentes abordagens para o ensino da língua estrangeira.

De acordo com o Exército Brasileiro (2015) no ano de 2012 deu início na instituição o Projeto de Reestruturação do Ensino de Idiomas no Exército, o qual tinha como objetivos

umentar a capacitação em idioma estrangeiro (inglês, francês e espanhol); modernizar os laboratórios de idiomas existentes e criar laboratórios onde não existiam; estudar a implantação da Escola de Idiomas e Cultura Estrangeiros.

A finalidade da criação deste projeto pauta-se no entendimento de que o militar deve ser melhor qualificado para as missões no exterior, uma vez que o EB tem sido requisitado para missões internacionais. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2015)

Em Junho de 2015 foi criado o Sistema de Ensino de Idiomas e Certificação de Proficiência Linguística do Exército Brasileiro (SEICPLEx), e em setembro de 2015 o Centro de Idiomas do Exército (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2015).

De acordo com Nonato (2013), a atividade de militar é diferenciada, exigindo que os envolvidos neste processo tenham conhecimentos diversificados, sendo a formação especializada necessária, bem como o conhecimento em outro idioma, uma vez que poderá integrar forças que façam parte de missões internacionais.

Segundo Nonato (2013) desde o ano de 1948 o EB participa de missões internacionais, as chamadas missões de paz, as quais são patrocinadas pela ONU. Com isso é fundamental que o militar conheça tanto a cultura local como tenha conhecimento em outro idioma, dando-se preferência ao inglês por ser uma língua global.

Dentre os benefícios em se participar de uma missão internacional e ter conhecimento em outro idioma o autor cita: melhor comunicação com a população local, o que poderá ser crucial para uma missão bem sucedida, sendo que a segurança da missão está fortemente ligada a este fator.

Souza Júnior (2015) cita a Batalha de Suez como o primeiro marco em que se estabeleceu a necessidade do conhecimento de outro idioma por parte dos oficiais, os quais durante a mesma recorreram a intérpretes mal preparados, mas que podiam entender o básico e desta forma orientar toda a missão.

Em 1994 na missão de paz de Moçambique novamente se observa a necessidade de um oficial que falasse outro idioma, uma vez que a língua local era o português, no entanto, para comunicar-se com o Comando Regional utilizava-se o inglês, ficando à disposição do Comandante apenas um indivíduo que falava o básico deste idioma. (SOUZA JÚNIOR, 2015)

Desta feita, observa-se a necessidade de um outro idioma por parte do oficial do EB, bem como a opção pelo espanhol, em se tratando de missões da OEA, nas quais a maioria dos países utiliza muito o espanhol.

Se o idioma espanhol é relevante para o oficial do EB, então necessário se faz que a instituição forneça ao mesmo meios de capacitação neste idioma; se os militares que se

encontram em missão internacional não conhecem outro idioma, então os mesmos colocam em risco a missão, tendo em vista que a comunicação é fundamental para determinar o êxito destas missões.

2.1 COMUNICAÇÃO: COMO ELA SE PROCESSA

Segundo Pignatari (2008), a comunicação pode ser melhor resumida como a transmissão de uma mensagem de um remetente para um destinatário de uma maneira compreensível. A importância da comunicação eficaz é imensurável no mundo dos negócios e na vida pessoal. O processo de comunicação é o guia para a realização de uma comunicação eficaz. É através do processo de comunicação que ocorre o compartilhamento de um significado comum entre o emissor e o receptor. Indivíduos que seguem o processo de comunicação terão a oportunidade de se tornarem mais produtivos em todos os aspectos de sua profissão. Uma comunicação eficaz leva ao entendimento.

O processo de comunicação é composto de quatro componentes principais. Esses componentes incluem codificação, meio de transmissão, decodificação e feedback. Há também dois outros fatores no processo, e esses dois fatores estão presentes na forma do remetente e do destinatário. O processo de comunicação começa com o remetente e termina com o destinatário (PIGNATARI, 2008).

O remetente é um indivíduo, grupo ou organização que inicia a comunicação. Essa fonte é inicialmente responsável pelo sucesso da mensagem. As experiências, atitudes, conhecimentos, habilidades, percepções e cultura do remetente influenciam a mensagem. As palavras escritas, as palavras faladas e a linguagem não verbal selecionada são de suma importância para garantir que o receptor interprete a mensagem como pretendido pelo remetente. Toda a comunicação começa com o remetente (PIGNATARI, 2008).

Para Guimarães (2012), o primeiro passo do remetente envolve o processo de codificação. Para transmitir significado, o remetente deve começar a codificação, o que significa traduzir informações em uma mensagem na forma de símbolos que representam ideias ou conceitos. Este processo traduz as ideias ou conceitos na mensagem codificada que será comunicada. Os símbolos podem assumir várias formas, como idiomas, palavras ou gestos. Esses símbolos são usados para codificar ideias em mensagens que outras pessoas podem entender.

Ao codificar uma mensagem, o remetente deve começar decidindo o que deseja transmitir. Essa decisão do remetente é baseada no que ele acredita sobre os conhecimentos e

suposições dos receptores, juntamente com as informações adicionais que ele / ela deseja que o receptor tenha. É importante que o remetente use símbolos familiares ao destinatário pretendido. Uma boa maneira de o remetente melhorar a codificação da mensagem é visualizar mentalmente a comunicação do ponto de vista do receptor (GUIMARÃES, 2012).

Para começar a transmitir a mensagem, o remetente usa algum tipo de canal (também chamado de meio). O canal é o meio usado para transmitir a mensagem. A maioria dos canais é oral ou escrita, mas atualmente os canais visuais estão se tornando mais comuns à medida que a tecnologia se expande. Canais comuns incluem o telefone e uma variedade de formas escritas, como memorandos, cartas e relatórios. A eficácia dos vários canais varia de acordo com as características da comunicação. Por exemplo, quando o feedback imediato é necessário, os canais de comunicação oral são mais eficazes, porque quaisquer incertezas podem ser esclarecidas no local. Em uma situação em que a mensagem deve ser entregue a mais de um pequeno grupo de pessoas, os canais escritos costumam ser mais eficazes. Embora em muitos casos, canais orais e escritos devem ser usados porque um complementa o outro (GUIMARÃES, 2012).

De acordo com Pignatari (2008), se um remetente envia uma mensagem através de um canal inadequado, sua mensagem pode não atingir os destinatários corretos. É por isso que os remetentes precisam ter em mente que selecionar o canal apropriado ajudará muito na eficácia do entendimento do receptor. A decisão do remetente de utilizar um canal oral ou escrito para comunicar uma mensagem é influenciada por vários fatores. O remetente deve fazer perguntas diferentes para que ele possa selecionar o canal apropriado. A mensagem é urgente? O feedback imediato é necessário? A documentação ou um registro permanente é necessário? O conteúdo é complicado, controverso ou privado? A mensagem vai para alguém dentro ou fora da organização? Quais habilidades de comunicação oral e escrita o receptor possui? Depois que o remetente responder a todas essas perguntas, ele poderá escolher um canal efetivo.

Depois que o canal ou canais apropriados são selecionados, a mensagem entra no estágio de decodificação do processo de comunicação. A decodificação é conduzida pelo receptor. Uma vez que a mensagem é recebida e examinada, o estímulo é enviado ao cérebro para interpretação, a fim de atribuir algum tipo de significado a ele. É esse estágio de processamento que constitui a decodificação. O receptor começa a interpretar os símbolos enviados pelo remetente, traduzindo a mensagem para o seu próprio conjunto de experiências, a fim de tornar os símbolos significativos. A comunicação bem-sucedida ocorre quando o receptor interpreta corretamente a mensagem do remetente (PIGNATARI, 2008).

O receptor é o indivíduo ou indivíduos para quem a mensagem é direcionada. O grau em que essa pessoa compreende a mensagem dependerá de vários fatores, que incluem o seguinte: o quanto o indivíduo ou os indivíduos sabem sobre o tópico, sua receptividade à mensagem e o relacionamento e a confiança que existe entre o remetente e o destinatário. . Todas as interpretações do receptor são influenciadas por suas experiências, atitudes, conhecimentos, habilidades, percepções e cultura. É semelhante ao relacionamento do remetente com a codificação (PIGNATARI, 2008).

O feedback é o elo final na cadeia do processo de comunicação. Depois de receber uma mensagem, o receptor responde de alguma forma e sinaliza essa resposta ao remetente. O sinal pode tomar a forma de um comentário falado, um longo suspiro, uma mensagem escrita, um sorriso ou alguma outra ação. Mesmo a falta de resposta é, de certo modo, uma forma de resposta. Sem feedback, o remetente não pode confirmar que o receptor interpretou a mensagem corretamente (PIGNATARI, 2008).

Segundo Guimarães (2012), o feedback é um componente-chave no processo de comunicação, pois permite que o remetente avalie a eficácia da mensagem. O feedback, em última instância, oferece uma oportunidade para o remetente tomar ações corretivas para esclarecer uma mensagem mal entendida. O feedback desempenha um papel importante ao indicar barreiras significativas de comunicação: diferenças de background, diferentes interpretações de palavras e diferentes reações emocionais.

O processo de comunicação é o guia perfeito para alcançar uma comunicação eficaz. Quando seguido corretamente, o processo geralmente pode garantir que a mensagem do remetente será entendida pelo receptor. Embora o processo de comunicação pareça simples, em essência não é. Algumas barreiras se apresentam durante todo o processo. Essas barreiras são fatores que têm um impacto negativo no processo de comunicação. Algumas barreiras comuns incluem o uso de um meio inadequado (canal), gramática incorreta, palavras inflamatórias, palavras que conflitam com a linguagem corporal e jargão técnico. O ruído também é outra barreira comum. Ruído pode ocorrer durante qualquer fase do processo. O ruído essencialmente é qualquer coisa que distorce uma mensagem, interferindo com o processo de comunicação. O ruído pode assumir várias formas, incluindo um rádio tocando em segundo plano, outra pessoa tentando entrar em sua conversa e quaisquer outras distrações que impeçam o receptor de prestar atenção (GUIMARÃES, 2012).

Comunicação bem sucedida e eficaz dentro de uma organização decorre da implementação do processo de comunicação. Todos os membros de uma organização melhorarão suas habilidades de comunicação se seguirem o processo de comunicação e se afastarem das diferentes barreiras. Ficou provado que os indivíduos que entendem o processo de comunicação se transformarão em comunicadores mais eficazes, e os comunicadores eficazes terão uma oportunidade maior de se tornar um sucesso.

Figura 1 – O processo de comunicação



Fonte: GUIMARÃES (2012)

2.2 A IMPORTÂNCIA DE SE APRENDER UMA SEGUNDA LÍNGUA NOS DIAS ATUAIS

De acordo com Kail (2013), a linguagem afeta o dia a dia dos membros de qualquer raça, credo e região do mundo. A linguagem ajuda a expressar nossos sentimentos, desejos e dúvidas para o mundo ao nosso redor. Palavras, gestos e tom são utilizados em união para retratar um amplo espectro de emoção. Os métodos únicos e diversos que os seres humanos podem usar para se comunicar através da linguagem escrita e falada são uma grande parte do que permite aproveitar nossa habilidade inata de formar laços duradouros uns com os outros; separando a humanidade do resto do reino animal.

A importância da comunicação é muitas vezes esquecida. Apesar de nossa grande proeza na comunicação, mal entendidos e erros de tradução são comuns. É arrogante acreditar que se pode viajar pelo mundo e esperar que toda a humanidade entenda sua língua nativa. Para viajar pelo mundo, seja em negócios ou lazer, é necessário um desejo e vontade de se

adaptar a novas culturas e métodos. Adaptabilidade, claro, inclui a capacidade de se comunicar com novas pessoas em vários dialetos. Ser incapaz de se comunicar em um país é como viver com uma deficiência grave; É muito difícil e quase impossível adaptar-se e conviver com novas pessoas, se não houver como comunicar-se umas com as outras (KAIL, 2013).

Além disso, a capacidade de se comunicar em vários idiomas está se tornando cada vez mais importante na comunidade empresarial global cada vez mais integrada. Comunicar-se diretamente com outras pessoas em seu idioma nativo é um dos primeiros passos para a criação de um relacionamento comercial internacional duradouro e estável. Ser capaz de fazer isso automaticamente coloca qualquer pessoa multilíngue milhas à frente de seus pares na competição por empregos e cargos de alto prestígio. A linguagem é um aspecto tão fundamental para criar filhos para o sucesso em seus futuros empreendimentos profissionais que as escolas secundárias em todo o país e em quase todos os países ocidentais exigem pelo menos dois anos de uma língua estrangeira (KAIL, 2013).

A maioria das instituições oferece oportunidades para aprender uma língua estrangeira em idades ainda mais precoces. Nos últimos anos, psicólogos como Agnes Kovacs estudaram a inteligência e a capacidade mental de jovens crianças bilíngues em comparação com crianças monolíngues. A evidência coletiva de vários estudos sugere que a experiência bilíngue melhora a chamada função executiva do cérebro, um sistema de comando que direciona os processos de atenção que usamos para planejar, resolver problemas e realizar várias outras tarefas mentalmente exigentes. Além disso, ao inculcar uma reverência pela língua estrangeira em uma idade jovem, os pais colocam seus filhos à frente de seus futuros concorrentes (KAIL, 2013).

Cohen (2013) afirma que o impacto do multilinguismo pode ser atribuído a ainda mais campos. Um médico que pode se comunicar com seu paciente em sua língua nativa é muito mais provável que tenha sucesso em diagnosticá-los. Um cientista ou engenheiro capaz de explicar suas descobertas e ideias a seus pares será capaz de agilizar e aperfeiçoar seu trabalho, mesmo que seus colegas não possam entendê-lo em sua primeira língua. Qualquer gerente de contratação em qualquer empresa no mundo diria a você que a capacidade de falar uma língua estrangeira é uma mercadoria valiosa. Aprender a se comunicar fluentemente em vários idiomas proporciona segurança adicional ao trabalho e oportunidades de progresso em tempos econômicos incertos.

A fim de preparar as crianças para serem a próxima geração de futuros empreendedores, médicos, cientistas, engenheiros ou qualquer trabalho influente que

escolherem, deve-se promover um ambiente que, desde tenra idade, promova o aprendizado multilíngue. Através disso, está-se estabelecendo a todos, o crescimento, sucesso, segurança e, finalmente, prosperidade (COHEN, 2013).

Portanto, cabe a cada indivíduo criar um ambiente acolhedor e confortável em que as crianças possam crescer para aprender as complexidades da linguagem. As habilidades de comunicação que as crianças aprendem cedo na vida serão a base para suas habilidades de comunicação para o futuro. Habilidades linguísticas fortes são um ativo que promoverá uma vida inteira de comunicação eficaz (COHEN, 2013).

2.4 HISTÓRIA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Segundo Janson *et al.* (2015), o espanhol é uma das línguas mais faladas do mundo, falado oficialmente em mais de 20 países do mundo. O espanhol é a língua nativa de cerca de 400 milhões de pessoas em todo o mundo, e milhões de pessoas falam fluentemente esta língua como segunda língua.

Ainda assim, muitas pessoas não estão cientes de como a língua espanhola evoluiu ao longo dos anos, a partir do momento em que foi falada pelos habitantes da Península Ibérica no século IX. Esta, mais do que uma linguagem bonita que faz poesia e música hipnotizante, o espanhol também tem uma rica história associada a ele (JANSON *et al.*, 2015).

A língua espanhola também é conhecida como “castelhana”, porque se originou em torno da região de Castela, na Espanha. Castilla está localizada na Península Ibérica, um território que hospeda os países de Portugal, Andorra, Gibraltar e Espanha (JANSON *et al.*, 2015).

O espanhol originou-se como parte das línguas românicas ibéricas ou das línguas ibero-românicas. Junto com castelhano espanhol, português, galego e catalão são as outras línguas românicas que se originaram aqui, mas o espanhol se espalhou mais nos séculos posteriores (JANSON *et al.*, 2015).

Todas as línguas românicas ibéricas, incluindo o espanhol castelhano, descenderam do latim vulgar, ou seja, a forma particular do latim que foi falada por homens comuns, agricultores, comerciantes e soldados, não a forma clássica de latim usada na literatura. O latim vulgar estava em constante mudança porque os diferentes grupos de pessoas que falavam costumavam interagir entre si. O latim foi gradualmente misturado com as línguas dos vários povos locais que viviam na Península durante séculos, como os ibéricos e os celtas (JANSON *et al.*, 2015).

Os romanos foram para a Península Ibérica no terceiro século a.C. para se estabelecer. Sua língua oficial e falada, latim, não foi exatamente forçada sobre os habitantes da Península Ibérica, mas o nativo aprendeu. O latim tornou-se gradualmente a segunda língua desta região e as pessoas aqui se tornaram bilíngues (JANSON *et al.*, 2015).

De fato, o latim passou por várias mudanças devido a algumas características locais. Mais tarde, tornou-se um dialeto completamente diferente e veio a ser conhecido como latim latino-americano. Por outro lado, o idioma local falado nessa região também foi influenciado pelo latim vulgar (JANSON *et al.*, 2015).

De acordo com Janson *et al.* (2015), no final do século IV, a influência dos romanos chegou ao fim na Península Ibérica. Os visigodos começaram seu governo aqui neste ponto, que eram de origem alemã e falavam uma forma de vernáculo alemão. Isto é quando esta língua particular influenciou o espanhol já falado nesta região. Gradualmente, os habitantes da Península Ibérica começaram a falar uma forma de espanhol que era influenciada tanto pelo latim vulgar quanto pelo alemão vernáculo.

Foi quando os primeiros textos em espanhol foram escritos, por volta de 1140. A mais antiga literatura espanhola medieval gravada é um manuscrito chamado “Glosas Emilianenses”. No entanto, o poema épico El Cantar de Mio Cid é o texto mais famoso entre os mais antigos. O Cantar de Mio Cid, assim como muitos outros poemas da época, foram escritos para descrever as atividades diárias e as histórias dos nobres da época (JANSON *et al.*, 2015).

A língua espanhola emprestou muito do árabe, especialmente em termos de léxicos e semântica. A invasão mourisca continuou por um tempo até que o pequeno reino de Castela foi forte o suficiente para reconquistar os territórios ocupados pelos mouros islâmicos no século XI (JANSON *et al.*, 2015).

Os conquistadores mouros muçulmanos chegaram à Espanha quando alguns antigos reinos visigodos ainda estavam no poder, por volta do século VIII. Com eles, trouxeram uma língua e uma cultura completamente novas que eram muito diferentes de tudo o que os ibéricos tinham visto antes - o árabe. Enquanto os muçulmanos se instalaram na Península Ibérica, os habitantes desta região foram grandemente influenciados por eles, incluindo a sua língua (JANSON *et al.*, 2015).

Os castelhanos conquistaram mais tarde toda a terra que é a Espanha hoje, assim como muitos outros territórios vizinhos menores. Sua língua já havia incorporado alguma influência islâmica e eles conseguiram espalhá-lo para o território recém-formado. Assim, não só o

Reino de Castela, mas muitas outras terras vizinhas também começaram a falar espanhol (JANSON *et al.*, 2015).

A forma do espanhol que foi mais profundamente influenciada pelo árabe originou-se na Andaluzia, principalmente em torno de Granada. Isso foi até 1492, quando Granada ficou sob o domínio dos renomados monarcas católicos Fernando e Isabel. Sob o seu reinado, o espanhol foi estabelecido como a língua oficial de toda a Espanha, incluindo Granada. A língua espanhola, a partir de então, permaneceu conhecida como castelhana, palavra que ainda hoje é sinônimo da língua (JANSON *et al.*, 2015).

2.4.1 O espanhol na América

Janson *et al.* (2015) afirmam que sob o patrocínio dos monarcas cristãos Fernando e Isabel, Cristóvão Colombo iniciou sua expedição para descobrir novas terras em 1492, o mesmo ano em que o cristianismo e a língua espanhola foram finalmente fundações da Espanha, o primeiro país da Europa a se tornar um território nacional de fragmentado reinos. Ele supostamente descobriu a América (existem teorias que afirmam que ele não foi o primeiro) e estabeleceu as raízes para o que seriam os últimos séculos de colonização espanhola e conquista dos povos nativos.

Depois de Colombo, vieram os missionários para pregar o cristianismo aos nativos, trazendo com eles sua língua nativa, o espanhol. O latim deveria ser usado na nova terra, mas os missionários acharam mais fácil espalhar sua mensagem do cristianismo em sua língua nativa. Todas as três línguas, latim, espanhol e a língua nativa da nova terra, foram usadas na comunicação posteriormente (JANSON *et al.*, 2015).

Mais uma vez, o espanhol como língua foi influenciado por novas e diversas línguas daquele novo mundo. Quando os missionários espanhóis deixaram a América, sua própria língua passou por mudanças importantes (JANSON *et al.*, 2015).

2.4.2 Os anos de ouro da literatura espanhola

Segundo Pignatari (2008), o período entre o século XV e o século XVII é considerado a Idade de Ouro da Literatura Espanhola, ou o Siglo de Oro. Tudo começou logo depois que Cristóvão Colombo retornou à Espanha depois de sua descoberta significativa da América, quando uma obra muito importante da literatura foi publicada na época. O renomado estudioso Antonio de Nebrija escreveu e publicou um livro intitulado Gramatica de la Lengua

Castallana, ou A gramática da língua castelhana. Outras publicações notáveis durante a Idade de Ouro da Literatura Espanhola incluem obras de Cervantes, Lope de Vega, Francisco de Quevedo e Calderón de la Barca.

Miguel de Cervantes é provavelmente o escritor mais renomado do mundo, autor de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, ou o engenhoso nobre Sir Quixote de La Mancha; mais comumente conhecido como Dom Quixote. Foi publicado em dois volumes separados em 1605 e 1615 e era imensamente popular naquela época. Don Quixote é um conjunto humorístico de histórias de nobres auto-intitulados Quixote e seu escudeiro Sancho Pança, e suas aventuras desiguais. É, ainda hoje, um dos livros mais populares da literatura mundial (PIGNATARI, 2008).

Lope Félix de Vega Carpio, por outro lado, era um poeta famoso e amado que viveu durante a Idade de Ouro. Tornou-se padre nos últimos dias, mas seus talentos como poeta foram extraordinários. Ele era um dramaturgo e um dramaturgo, além de poeta, e escreveu mais de 2.200 peças durante sua vida. A beleza de Angelica foi seu poema mais popular e suas peças mais notáveis foram *The Foolish Lady* (1613), *Fuente Ovejuna* (1614), *O Cavaleiro de Olmeda* (1622) e *The Punishment without Revenge* (1631) (PIGNATARI, 2008).

Outro poeta e dramaturgo desta época foi Pedro Calderón de la Barca, renomado por suas peças *The Phantom Lady* e *Life is a Dream*. Ele fazia parte do grupo de teatro da corte e escreveu diretamente pelo prazer do rei Filipe IV. Por seu excelente trabalho e talento, Calderón foi feito cavaleiro da Ordem Militar de St. James - o que foi realmente uma honra durante esse tempo (PIGNATARI, 2008).

Francisco Gomez de Quevedo e Villegas não era apenas um poeta, mas também um famoso satírico, mais interessado na política do que na literatura. Suas obras mostraram uma variedade de tons, da devoção à obscenidade; ele é mais lembrado por seu romance satírico pitoresco intitulado *La Vida del Buscon*, que se traduz em *The Life of a Scoundrel* (1626). Foram essas notáveis personalidades literárias da Era de Ouro que inspiraram os escritores posteriores, poetas, dramaturgos e romancistas da Espanha (PIGNATARI, 2008).

2.5 A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA ESPANHOL PARA OS VARIADOS ESCALÕES DE COMANDO ENQUADRADOS NAS MISSÕES DA ONU E OEA

Segundo Mendes (2015), o idioma técnico é aquele que possui termos e vocabulário bem específicos, onde as palavras são utilizadas com um significado específico para aquele

setor. A dificuldade que se tem ao se fazer uma tradução técnica tem relação com a estrutura linguística, com a sintaxe.

As traduções mais utilizadas pelas Missões de Paz são as traduções simultâneas, as quais exigem que o tradutor seja um profundo conhecedor da língua, pois o mesmo não tem tempo para pensar, é preciso saber. Há apenas duas opções: traduzir ou não, uma vez que não há como inventar (MENDES, 2015).

Há também a necessidade de tradução de documentos, momento em que o tradutor poderá utilizar dicionários ou qualquer outro material disponível para realizar o trabalho.

De acordo com Souza Júnior (2015), a necessidade de conhecimento em idioma técnico no Exército Brasileiro se deu no contexto da crise de Suez, no Egito, quando percebeu-se que toda a comunicação que se daria fora do Batalhão de Suez seria feito no idioma inglês. No entanto, por não haver qualquer militar que tivesse pleno domínio da língua utilizaram-se militares voluntários os quais mantinham comunicação com as demais delegações da Missão, bem como com o QG da UNEF.

Como foi constatado, nem mesmo os Comandantes dominavam outro idioma, falha esta que deveria ser solucionada uma vez que muitas vezes os serviços prestados por militares que eram chamados às pressas eram de cunho duvidoso (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Devido a esta necessidade criou-se a Seção de Intérpretes no Batalhão de Suez, a qual desempenhou seu papel de forma notável, tendo o reconhecimento pelos serviços prestados ao Batalhão de Suez e à Missão de Paz da ONU no Oriente Médio (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Houve então o primeiro concurso para designação de 3 capitães que iriam ocupar as funções, realizado no então Centro de Estudos da Linguagem, no Palácio Duque de Caxias, antigo Ministério da Guerra no Rio de Janeiro. A seleção foi feita por oficiais americanos e num total de 15 candidatos, 3 foram escolhidos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Souza Júnior (2015) chama atenção para o fato de que posteriormente a este avanço, em 1994, na Missão em Moçambique, Angola e Timor-Leste houve um retrocesso no que diz respeito aos tradutores e intérpretes.

Apesar do idioma local ser o português, o inglês era largamente utilizado para manter contato com o Comando Regional, situado em Beira, local onde ficava o único intérprete militar brasileiro, o qual foi designado para a função sem concurso (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Nas Missões de Angola, UNAVEM I e UNAVEM II o Brasil colaborou apenas com observadores militares, sem a utilização de intérpretes, já na UNAVEM III o Brasil além dos observadores colaborou com equipes de saúde, oficiais de Estado-Maior, um Batalhão de

Infantaria, uma Companhia de Engenharia e um Posto de Saúde Avançado, no entanto também sem a presença de intérpretes (SOUZA JÚNIOR, 2015).

No Timor-Leste o Brasil participou da INTERFET, enviando 50 policiais do Exército e um oficial superior comandante do contingente brasileiro. Esses militares receberam instruções sobre suas atividades naquele país, porém nada foi falado a respeito do idioma, no caso o inglês, sendo mais uma vez deixado de lado a utilização de um intérprete (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Porém, com a Missão de Paz no Haiti que teve início no ano de 2004, observa-se um salto à frente, uma vez que ficou evidenciado a importância de se falar um outro idioma, pois a comunicação levaria a atingir objetivos táticos, operacionais e estratégicos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Segundo Lanes (2015), o espanhol é a segunda língua mais falada no mundo, se nós olharmos apenas para os falantes nativos, o espanhol fica à frente do inglês com mais ou menos 400 milhões de falantes. Como todas as línguas mais faladas, a política do idioma e a identidade associada a ele são altamente disputadas: o espanhol é, com certeza, a primeira língua da maioria dos países da América do Sul e Central, Espanha e em algumas regiões dos EUA.

Assim, na concepção do efetivo que iria compor a então Brigada Haiti e, posteriormente, o Batalhão Brasileiro e Companhia de Engenharia de Força de Paz, foi incluída no Quadro de Cargos Previstos (QCP), pela segunda vez na história da tradução e interpretação militar brasileira, a função de intérprete, que muitas vezes, senão quase sempre, exerceria também a função de tradutor (SOUZA JÚNIOR, 2015, p. 10).

Após uma década da Missão de Paz no Haiti foram enviados para a função de tradutor/intérprete um total de 164 militares, entre homens e mulheres, os quais foram selecionados pelo Gabinete do Comandante do Exército tendo por base o Índice de Proficiência Linguística, os quais foram feitos através de testes de idiomas (SOUZA JÚNIOR, 2015).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, onde foram consultados livros e artigos em banco de dados eletrônico, os quais dizem respeito ao tema.

3.2 MÉTODOS

No decorrer da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos: apresentação da pesquisa bibliográfica relacionada à temática, para tanto serão utilizados artigos disponíveis em bancos de dados eletrônicos, bem como livros e revistas que dizem respeito ao tema. Os dados obtidos foram colocados em fichamentos (os quais não estarão disponíveis no TCC), e posteriormente deu-se início à redação do trabalho, onde foram confrontados os dados obtidos na pesquisa com a hipótese inicialmente proposta neste trabalho, vislumbrando corroborar com a assertiva de que o idioma espanhol é importante para o oficial do EB em missões da ONU e OEA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação sempre foi essencial para o ser humano, seja para socializar-se, trabalhar ou manter-se. Para o Exército Brasileiro não é diferente, tendo-se a necessidade de conhecimento do idioma técnico, o qual permitirá que os militares tenham acesso à leitura de documentos, e principalmente, com as novas tecnologias disponíveis seja capaz de compreendê-las.

As Missões da ONU e OEA exigem que os militares, tanto os oficiais quanto os subalternos tenham conhecimento de um outro idioma, sendo que o espanhol é considerada a segunda língua mais falada no mundo, assim sendo, a importância do conhecimento da mesma.

Observou-se que desde a Batalha de Suez falar outro idioma tem sido urgente para os militares, uma vez que, ao lidar com documentos em outra língua ou ter que se comunicar em outra língua com militares de outras nações é característica destas missões.

Após os problemas ocorridos na Batalha de Suez, outras missões também sofreram com o mesmo problema, a exemplo de Moçambique, Angola e Timor-Leste, voltando as preocupações com o conhecimento em outro idioma no ano de 2004, com a participação do Brasil na MINUSTAH.

Assim, em 2011 criou-se o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, o qual iniciou com um estágio preparatório de uma semana para os militares que serviriam de tradutor/intérprete. A partir de 2013 fez melhorias no processo de ensino/aprendizagem, vindo a ter o estágio preparatório em duas fases, Educação a Distância e uma fase presencial.

Buscou-se ainda mais aperfeiçoar o estágio, momento em que foi inserido no treinamento o uso de tecnologias aplicadas à tradução, levando maior eficiência e rapidez ao trabalho.

No ano de 2014 novas melhorias foram feitas, sendo inseridas as oficinas de tradução à prima vista, interpretação por telefone, técnicas de gerenciamento de estresse e técnicas de anotação.

Finalmente no ano de 2015 foi incorporado ao treinamento conhecimentos que diziam respeito às missões da ONU, bem como assuntos correlatos. Os estágios são avaliados de forma rígida, sendo que ao final são garantidos a qualidade e eficiência do trabalho destes militares na função de tradutor/intérprete.

Ao ser designado para uma Missão da ONU ou da OEA, é fundamental que o militar conheça a cultura local, bem como os hábitos e um pouco do idioma, a fim de poder interagir

com a população, o que será de extrema valia, uma vez que tais missões ocorrem em centros urbanos, estando os militares em contato direto com a população.

A partir do momento em que as tropas interagem com a população local tem-se a possibilidade de se obter da mesma informações que possam ser valiosas para o sucesso da missão, bem como não serem vistos como uma ameaça.

Será possível, através desta interação conhecer um pouco mais sobre as Forças Adversas, quem são, o que fazem, como agem. Com isso estará saindo à frente do inimigo, assegurando desta forma o sucesso da missão, bem como a integridade física de toda a tropa e dos civis.

A falta de conhecimento técnico em outro idioma, principalmente o espanhol, impossibilita muitas ações que poderiam levar ao sucesso da missão, bem como dificulta o entendimento até mesmo de ordens que podem vir de exércitos aliados.

Desta forma, considera-se de grande importância o conhecimento da língua espanhola por parte do oficial do Exército Brasileiro em Missão da ONU e da OEA.

REFERÊNCIAS

COHEN, R. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Reestruturação do ensino de idiomas no Exército Brasileiro**. Disponível em: <www.ceadex.eb.mil.br>. Acesso em: 29 set. 2018.

GERMAIN, C. **Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire**. Paris: Clé International, 1993.

GRIGOLETTO, M. **O inglês na atualidade: uma língua global**. Disponível em: <www.labeurb.unicam.br>. Acesso em: 29 set. 2018.

GUIMARÃES, T. C. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Scipione, 2012.

JASON, T.; *et al.* **História das línguas: uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

KAIL, M. **Aquisição de linguagem**. São Paulo: Parábola, 2013.

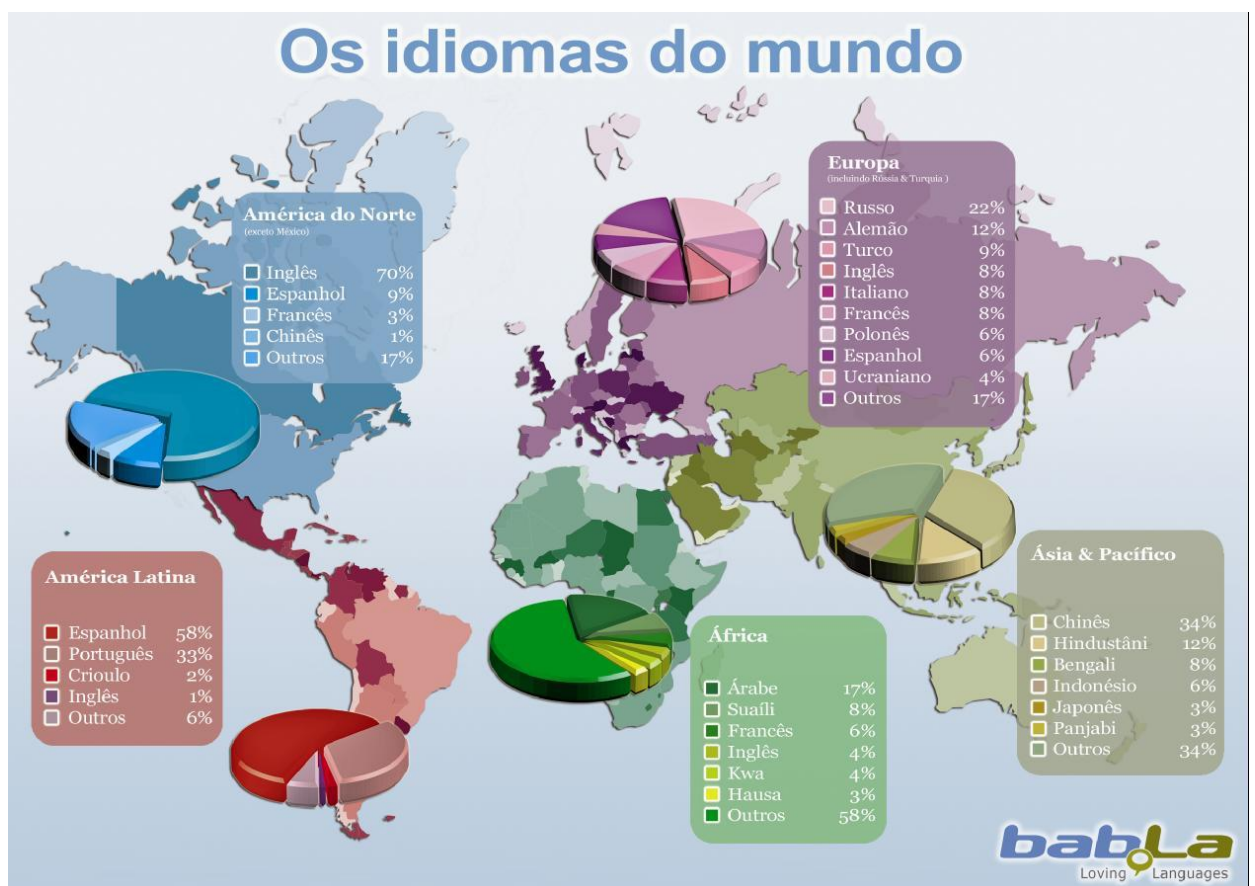
NONATO, J. L. **A importância da língua estrangeira para a atividade policial**. Disponível em: <www.abordagempolicial.com>. Acesso em: 29 set. 2018.

PIGNATARI, D. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

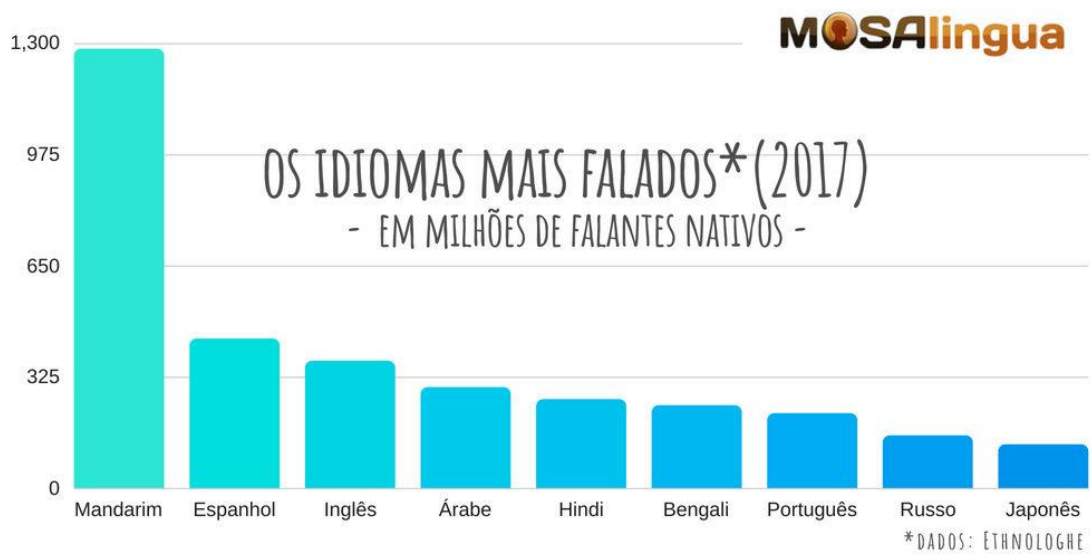
SOUZA JÚNIOR, I. A. **Tradução e interpretação militar brasileira em missões de paz da ONU**. Disponível em: <www.usacac.army.mil>. Acesso em: 29 set. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – OS IDIOMAS DO MUNDO



Fonte: BABLA (2019)

ANEXO 2 – OS IDIOMAS MAIS FALADOS EM 2017 (ESPAANHOL EM 2º LUGAR)

Fonte: ETNOLOGUE (2017)